



*Cores Secundárias*  
por Beatriz Matos Teixeira  
Aquarela sobre  
papel A4, 2022.

# Saúde Mental e Ancestralidade: UM PERCURSO NECESSÁRIO

por Leiliana Maria Rodrigues dos Santos; Marcela de Lima Silva

*“Os açoites cortaram nossa pele. Sangramos. Tombamos em cada encruzilhada. Seguimos. Os rios com suas veias abertas e com suas lágrimas vermelhas correm pela floresta que uivava por seus filhos. As montanhas choravam suas dores. A colonização produziu escravos e cativos sem precedentes. Genocídios sem fim. Anularam nossas vozes. O sistema nos ignora no seu corpo social marginal. Segue a colonização encarcerando as mentes em todo território nacional, sexismo, racismo, genocídio de corpos negros, amarelos, indígenas. Não existe lei que nos proteja de toda violência produzida na necropolítica. Queremos viver fora do cercado. Circular em todo território. Nosso território. Espaço sem fim. Resistir. Esperança encarnada na desobediência. Não a esperança que espera, mas aquela que vai à luta, que move as estruturas sociais. Nosso lugar não é nas margens plácidas do Brasil. Gritemos. Não somos os subalternos que a casa grande construiu. Não nos tombemos, fiquemos de pé em homenagem a todos os corpos caídos, esquartejados e enterrados na história desse país. Oh margens diáspora Brasil” (Leiliana Rodrigues, 2021)*

Não existe uma forma única de existir no mundo. A descolonização do saber e do cuidado em saúde mental nos convoca a pensar sob estas outras perspectivas não eurocentradas. O mundo está em construção e desconstrução no tempo e espaço. Temos muita dificuldade de operar em lógicas que não conhecemos. Ao propor a descolonização do saber, retomamos atenção que nenhum saber sobrepõe ao outro. Desnaturalizar determinados preconceitos é necessário para desenraizar o conhecimento sobre a experiência e a vida. Paulo Freire já defendia a valorização das virtudes populares como ferramenta importante neste processo. Precisamos resgatar essas memórias. Desenvolver práticas de cuidado antirracistas, inclusivas e diversas. Mergulhar em outros territórios. Racializar e “indigenar” a nossa história.

No campo da saúde mental, que tocaremos aqui nessa escrita, não podemos negar que a própria reforma psiquiátrica brasileira é branca e eurocentrada. No colonialismo, a loucura e os loucos são marcados como se não houvesse outras possibilidades de existência no repertório social. Criou-se a indústria da loucura. As práticas dos chás, benzedeiras, por exemplo, perdem lugar para a intensa medicalização dos corpos. A relação do território com a loucura passa a ser outra. Marginalizada. Excludente. Caímos numa grande armadilha de traduzir o nosso ser em uma única identidade.

Na perspectiva maliana (fula e bambara) há a expressão “*maa ka maaya ka ca a yere kono*” significa: “As pessoas da pessoa são múltiplas na pessoa”. De imediato, podemos ver, então, que se trata de uma noção muito complexa, que comporta uma multiplicidade interior, de planos de existência diferentes ou sobrepostos, e uma dinâmica constante (HAMPÂTÉ BÂ, 1981). O corpo não é apenas um receptáculo, mas uma imensa possibilidade de variações do poder ser, o que contraria a visão reducionista colonial da produção de saúde. Quando falamos da loucura que habita o receptáculo corpo, de quais “pessoas” estamos falando? E se há uma multiplicidade de outros dentro um, será mesmo que existe uma loucura? O que se define por loucura dentro da saúde convencional não seria apenas outras possibilidades de existência marcadas pela ancestralidade e confluência que habitam o corpo negro? Trata-se menos de descartar a medicina convencional e mais de fazer emergir outros saberes considerando que tudo se trata do olhar de quem olha e de quem é visto.

Habitarmos a produção de sentidos acerca da saúde mental implica em nos deslocarmos

para pensar o que pode a comunidade enquanto potência de vida no encontro com a loucura. Desafio que produz um outro olhar na relação com o tempo, pois trazemos as marcas das pegadas de outras histórias de vida, outras formas e formatos nestes entrelaçamentos de produção de conhecimentos ancorados nas nossas ancestralidades. Acionadas pelas palavras de Chimamanda, comungamos com a perspectiva do risco de se ater à exclusividade e solidão de uma história única:

**“As histórias importam. Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso” (CHIMAMANDA, 2019, p. 33).**

Pensar esta descolonização dos saberes é poder pensar a produção de conhecimento enquanto invenção da vida. Poder refletir de onde vem essa construção-ideia de que existe somente um modo de saber que é válido. É poder reafirmar que os saberes populares e territoriais estão sim qualificados para falar e pensar sobre o mundo. A vida pulsa em muitos lugares no fora muros institucionais. Nossa aposta é na produção dos “contrários”. Que as comunidades adentrem com seus saberes na produção de conhecimentos válidos e na promoção de cuidado. Precisamos ampliar nossos olhares e escutas para o invisível e indizível muitas vezes.

As experiências das tradições africanas vêm nos ensinando a cuidar da nossa saúde de forma holística através de conhecimentos, práticas e ensinamentos que atravessam o corpo, nos auxiliando a retomar essa relação

como forma de nos enraizar emocional, psicológica, física ou espiritualmente (Régis e Francisco, 2021) e esse modo de se produzir saúde vai de encontro com que preconiza a Organização Mundial de Saúde quando diz que “saúde não se reduz a ter ou não doença, mas envolve bem-estar físico, mental, social e espiritual”.

Talvez seja difícil ou quase impossível produzir saúde da população preta e povos

originários com práticas coloniais, ou seja, práticas criadas por aqueles que roubaram os negros e indígenas de suas terras, de suas raízes e de si mesmos; quer dizer, dentro de uma visão não-holística e ancestral. Foi por meio da confluência e da ancestralidade (música, dança, religião, plantas medicinais e a política de aquilombamento) que se sustentaram e mantiveram vivos estes povos. Essas são as tecnologias que lhes garantiram saúde e é o que ainda hoje os mantêm.

*“Quando nós falamos "tagarelando" e escrevemos "mal ortografado"  
Quando nós cantamos "desafinando" e dançamos "descompassado"  
Quando nós pintamos "borrando" e desenhamos "enviesado"  
Não é porque estamos errados, é porque não fomos colonizados”  
Nego Bispo (2020)*

## Referências Bibliográficas

- Adichie, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Amadou Hampaté Bâ. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). La notion de personne en Afrique Noire. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kevlin Ferreira Medeiros.
- Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola - <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdGJxw>. Acessado no dia 11 de junho de 2023.
- Regis K.; Francisco, M. A noção de Corpo para o povo Yorubá: Guianças para uma prática de Psicologia Corporal / The notion of Body for the Yorùbá people: Guidelines for a practice of Body Psychology - Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal, 2021: 8(12) 16-33.